

psicoinforma

Informativo do Sindicato dos Psicólogos de MG

NÚMERO 13

FILIADO À CUT

AGOSTO/93

Familiarismos do poder

No decorrer do tempo os sindicatos vêm entrando em contato com contradições internas a suas diretorias. De um lado, atritos de poder entre diretores e de outro distância com as bases. Diria a socioanalista Mendel que estão no nível familiarista em atrito de ciúmes, invejas, poder, onipotência. Grupos que pretendem renovar o mundo, repetem suas idiosincrasias de lidar com o poder.

É o que ocorre, também, nas administrações de qualquer grupo progressista em qualquer associação popular, ou mesmo do Estado.

Uma grande diferença delineia-se entre direções pelegas e direções progressistas. As primeiras não servem senão a si próprias. As segundas servem a população, mas à custa de muito desgaste interno, com alianças e contralianças de todos os tipos.

Não há como fugir a esse fantasma, dado a sociedade e o modo de produção em que vivemos, que impede a apropriação do poder-potência e chegada aos níveis institucionais. A capacidade e potencialidade de se reunir, de decidir de exigir, de fazer, é constantemente roubada de todos pelo modo de produção, através de toda a sua parafernália de contenção... Não nos enganemos, estamos à mercê de injeções de impotência, de individualismo, de preguiça, de ciúmes, de invejas, de esperas infantis de alguém faça algo por mim.

Haja visto os sindicatos de profissionais liberais: há tanto tempo lutando por salários comuns, horários comuns a todos. E no entanto, os médicos estão lutando por horários e salários diferenciados e melhores para eles. O sistema conseguiu furar a união e a força.

Há saídas, entretanto, na auto análise conjunta. Que faremos todos juntos, em muitos locais de trabalho e muitos níveis, para tentar uniões de forças, e o resgate de nosso poder conjunto de exigir algo do poder acima de nós? O que cada um de nós fará para alterar um sistema que nos acomoda e nos faz perder a força?

PASSAR AO NÍVEL INSTITUCIONAL, É PRECISO.

Família, Estado e os Agentes "Psi"

PATRÍCIA AYER NORONHA

Com o seu advento da família moderna, nuclear, bem assentada em sagrados valores como a conjugalidade, a privacidade, a acumulação; portadora de um perfil curiosamente paradoxal de salvaguarda da autonomia e liberdades individuais frente ao poder do Estado e, ao mesmo tempo, pilar da sociedade?

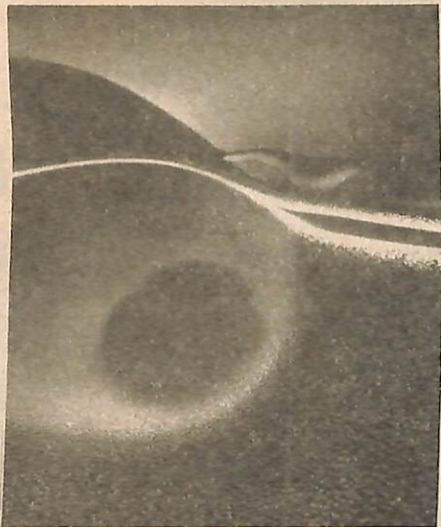
Com o nascimento das sociedades industriais, os mecanismos reguladores e controladores do corpo social são travestidos numa nova figura: a figura da norma. Trata-se pois, nas sociedades capitalistas, de distribuir e classificar seus membros em torno do conceito de normas, em várias esferas: da sexualidade, sociabilidade, produtividade. Trata-se de registrar os homens segundo seu grau de utilidade; especificar suas mentes, corpos e inscrever suas histórias pessoais ou familiares de acordo com seu grau de adequação e equilíbrio. Portanto, reponder a pergunta sobre o advento e prevalência de família nuclear, centrada no casal, com seu singular valor social, extensivo a todas as classes sociais, implica identificá-la como uma forma histórica correlata a definição de Estado moderno capitalista, e identificar o nascimento e expansão das profissões "psi" (psicopedagogos, psicólogos, psicanalistas) no período moderno.

A partir do século XVIII a infância e a família passa a ser objeto de uma série de discursos e práticas sociais. Discursos que emergem no campo médico, psiquiátrico, educacional, jurídico, pedagógico, administrativo, etc., e que vão investir sobre o corpo, a saúde, as formas de se alimentar e morar, de organizar os espaços, de falar (especificando o que é linguisticamente conveniente para as diferentes faixas etárias), as regras para educação dos filhos, o papel da mulher, as normas para uma procriação responsável e uma sexualidade sadia. Enfim, discursos disciplinares, segundo Foucault, integrantes do arsenal de tecnologias por ele denominadas "bio-políticas", responsáveis por regular os indivíduos e populações, administrar (prevenir e corrigir) as subjetividades insubmissas e rebeldes, impróprias a produção industrial.

A questão é estratégica: como majorar as forças humanas para o modo de produção capitalista sem com isso torná-las de difícil sujeição? Pois bem, ao longo dos últimos duzentos anos, diferentes saberes científicos estarão taticamente integrados as estratégias do Estado e do Poder.

Desde o final do século XVIII até o século XX, se inscrevem nos aparelhos do Estado uma série de profissionais cuja meta e o trabalho social - assistentes sociais, educadores, orientadores especializados, psicólogos, sociólogos que passam a trabalhar nas escolas, prisões, tribunais de menores, centros de atendimentos à família.

Este é o período em que nascem ou se consolidam as formulações morais e legais. Há uma proliferação de teorias e práticas que tratam das vicissitudes do equilíbrio e da saúde infantil, conjugal e familiar. Os



agentes sociais passam a atuar cada vez mais no coração da família instaurando e aprofundando uma política da família conveniente ao sistema de produção industrial.

Portanto, há uma longa evolução em que os dispositivos de gestão dos indivíduos e coletivos passam do domínio das instituições religiosas e jurídicas, pautadas em categorias como transgressão/punição, pecado/castigo para os novos domínios da psiquiatria, psicopedagogia, serviço social, psicologia, disciplinas que instituem uma nova categoria - a norma - e novas técnicas com a finalidade de controlar e tutelar o corpo social.

Esta longa evolução desemboca na introdução da Psicanálise no campo social (século XX) através da atuação de seus agentes em estabelecimentos variados - centros médicos e psicopedagógicos, centros de orientação familiar de atendimento a infância, etc., torna-se um eficiente instrumento neste amplo dispositivo já descrito, encarregado da tutela e gestão dos indivíduos e coletivos desde o âmbito familiar.

Não patinando nenhuma injunção explícita a quaisquer tipos de normas, disposta a ouvir indivíduos e famílias desde que demandam, recusando-se a dizer como deve ser a família e suas relações com a sociedade, projetando-se no interior das famílias disfuncionais, fonte dos "indivíduos-sintomas", a Psicanálise obtém sucesso pelo seu poder de articular o desejo social e o desejo familiar.

A família desaparece, portanto, cada vez mais como protagonista social, enquanto a Psicanálise a circunscribe e ratifica como modelo de socialização e humanização e a reconhece enquanto presença (excessiva ou insuficiente, funcional ou disfuncional) na dinâmica dos sucessos e fracassos de seus membros. Operando uma singular colagem entre o desejo e a lei, temos então um hábil dispositivo que instaura uma nova tecnologia das relações ligando os "deficits" humanos nas malhas de enredos edípicos inconscientes.

Mas, encerrando este texto, gostaria de citar J. Donzelot em seu livro "A Polícia das Famílias": "não se trata de uma gratuita hostilidade contra a Psicanálise e suas contribuições, mas sim de mostrar em torno de que problemas e empregando quais engrenagens a psicanálise se torna operacional."

PATRÍCIA AYER é Psicóloga Clínica, Professora do Núcleo de Psicanálise, Estudos e Práticas Institucionalistas e Membro do Movimento Institucionalista de BH.

As entidades numa p

ITALO JORGE FURLETTI
ANALISTA JUNGUIANO

Nesta perspectiva, é importante conhecermos a história do sindicalismo no Brasil e assim analisar se há alguma sequele social devido a eliminação do tirano pai primitivo pelo grupo de filhos. O arquétipo do assassinato desponta como um mito vivo e simbólico. Para ampliar esse poder do arquétipo vamos a Ariel, personagem de Tempestade de Shakespeare:

"A cinco braças inteiras o teu pai jaz;
De seus ossos o coral se faz;
Pérolas são o que seus olhos eram;
Nada nele definha, mas sofre,
ao invés, uma mudança marinha;
Em algo de rico e estranho"

As coisas mudam com o tempo, mas numa sina se repete o "velho" com todo o aspecto de "novo".

Neste sentido quero abordar ambos: o velho e o novo num paralelo do micro com o macro.

Mencionando o velho, nada melhor que a história da arte grega em que Freud apresenta a tragédia do Herói, a semelhança com a cena da refeição totêmica - no assassinato do pai e pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele; esta é a crença do canibal.

Em Totem e Tabu, Freud diz que o herói da tragédia sofre... tem que conduzir o fardo daquilo que era conhecido como "culpa trágica"... à luz de nossa vida cotidiana, muitas vezes não há culpa alguma. Via de regra, o Herói reside na rebelião contra alguma autoridade divina ou humana e o Coro acompanhava o herói com sentimentos de compaixão pelos infortúnios, procurava retê-lo, adverti-lo e moderá-lo, pranteando-o quando encontrará o que se sentia ser a punição merecida por seu ousado empreendimento.

O crime que fora jogado sobre os ombros do herói, a presunção e a rebeldia contra uma grande autoridade, era precisamente o crime pelo qual os membros do Coro, o conjunto de

irmãos - como também eu incluo aqui a categoria profissional - eram responsáveis; o Herói trágico tornou-se, ainda que talvez contra sua vontade, o redentor do Coro.

Abro um parêntese para uns esclarecimentos sobre a arte cênica grega:

CORO. Conjunto de indivíduos com nomes e vestimentas iguais, ou um personagem coletivo, encarnado por um colégio de cidadãos. Seu papel consiste em exprimir em temores, em esperanças e julgamentos, os sentimentos dos espectadores componentes da comunidade cívica.

O HERÓI. Era representado por um ator principal ou até mesmo por dois ou três. O herói nos mitos confronta-se com uma necessidade superior que se impõe a ele, que o dirige, mas, por um movimento próprio de caráter, ele se apropria dessa necessidade, torna-a sua a ponto de querer, até desejar apaixonadamente aquilo que, num outro sentido, é constrangido fazer. Com isso se reintroduz, no seio da decisão "necessária", essa margem de livre escolha sem a qual parece que a responsabilidade de seus atos não pode ser imputada ao sujeito.

A verdadeira matéria da tragédia é o pensamento social próprio da comunidade, para esta representação, os atores usavam máscaras, era a maneira de expressar determinadas características. Havia uma distinção entre o Coro e Herói ao ocuparem a cena trágica, elementos opostos mas, ao mesmo tempo, estreitamente solidários.

Para mencionar o novo, novamente introduzo o velho Freud (desculpe-me o trocadilho, pois principalmente nesta minha abordagem, não deixa de ser novo); Ainda em Totem e Tabu: "parece surpreendente que também os problemas de Psicologia Social se dissolvem com base num único ponto concreto, a relação do homem com o pai... O sentimento de culpa por uma determinada ação persistiu por milhares de anos e tem permanecido operativo em gerações que não poderiam ter tido conhecimento dela". Freud mostra isso

As Regressões fa organizaçõe

ANA RITA CASTRO TRAJANO
PSICÓLOGA - ASSESSORA DE
FORMAÇÃO POLÍTICO-SINDICAL

Quando recebi o convite para participar deste fórum o tema se colocou para mim como um desafio. Confesso que ainda não havia pensado sobre este "fenômeno regressivo"...

Comentei com uma colega, economista do DIEESE, e ela exclamou:

- Coisa de psicanalista!

Não sou psicanalista, a psicanálise faz parte de minha formação e é uma das referências na minha prática, como psicóloga social e educadora.

Procurarei contribuir com este debate, trazendo algumas perguntas que se elaboraram no decorrer da reflexão em torno do tema proposto.

Tomando Mendel como referência teórica para compreender o processo de "regressão do político ao plano do psíquico", partimos da ideia de que as "regressões familiares", na verdade, não significam "um retorno em sentido inverso desde um ponto já atingido até um ponto situado antes desse", ou seja, esta regressão não se produz a partir de uma posição adquirida, e uma regressão a respeito de uma posição que poderia ter sido

alcançada, regressão no sentido de "não progressão", não avanço, ausência de maturidade, de crescimento...

Para Mendel, esta regressão se produz quando: os conflitos de classes sociais não podem desenvolver-se a fundo e em toda sua amplitude (...), quando se os oculta ou suprime pela força; quando numa instituição os indivíduos pertencentes a mesma classe não conseguem se organizar como classe e quando não se põe a descoberto, sistematicamente, no seio de uma classe, os elementos projetados.

A classe antagonica (...) ou os conflitos de ordem psicoafetivo existentes.

Na própria classe (fenômeno autoridade, hierarquização).

Não se reconhece o conflito como valor.

Em suma, quando os conflitos de classe não podem manifestar-se, se expressam no nível do psíquico, e o esquema que da conta dele e o da estrutura familiar. Neste esquema a figura aparente de autoridade é o pai. Nenhuma ditadura pode modificar a estrutura familiar tradicional, pois o esquema que a fundamenta é a família.

Mendel pergunta:

- Por que o homem contemporâneo

Perspectiva de família

através da tragédia do herói e é neste ponto que gostaria de deter-me (sem trabalhar o sentimento de culpa), pois essa relação Coro/Herói é com todos os detalhes o retrato ampliado, da relação categoria/sindicato.

Finalmente, vejamos parte do contexto histórico do movimento sindical aqui no Brasil e sua reprodução do drama trágico. O país recebeu em seu "palco" o estrangeiro herói - tal qual na maioria das tragédias, obviamente por mera coincidência, representado por mais de um personagem - pois bem, as ações sindicais iniciaram-se devido a vinda de imigrantes: portugueses, espanhóis e italianos; eram anarquistas banidos de suas pátrias devido a uma militância em prol de uma sociedade mais igualitária e contra as estruturas de poder e dominação.

Talvez seja importante citar que o Brasil recebeu de 1880 a 1900, mais de 1 milhão de imigrantes - eles organizaram a classe operária devido a super exploração: o trabalho chegava a 16 horas por dia, a insalubridade era enorme, além de baixos salários.

Neste processo houve alguns marcos como:

Em 1906, no RJ é realizado o Iº Congresso Operário Brasileiro, comparem 43 delegados de 28 organizações operárias. É criado a COB - Central Operária Brasileira.

IIº Congresso é em 1913. Como "banleira" tinham a luta contra o autoritarismo, pelo socialismo anarquista e contra o assistencialismo nos Sindicatos. São os primeiros indícios para os sindicatos exercerem a função mãe para suprir a falta - necessidades não arcadas ou não possibilitadas pelo Estado.

IIIº Congresso 1920 a COB se apresenta fraca, por dois motivos:

a. Repressão policial constante, chegaram a expulsar os estrangeiros dos pais;

b. divisão entre anarquistas, socialistas, católicos e comunistas.

Entre 1930 e 1945 Getúlio Vargas impôs aos trabalhadores um sindicalismo que se define como "corporativis-

ta". Impôs uma nova visão de sociedade, a nação é o bem supremo para o qual todas as classes deve lutar e trabalhar (nacionalismo). Destaco alguns princípios do Estado Novo:

a. Os trabalhadores têm a função de produzir para a sociedade;

b. Os sindicatos têm a função de colaborar com a harmonia social;

c. Os sindicatos devem subordinar os interesses da classe aos interesses nacionais;

d. Os sindicatos devem se preocupar com as necessidades da classe promovendo a assistência necessária (médica, cultural, jurídica e lazer).

Assim o Estado assume a função do "bom pai" que põe ordem na casa e os sindicatos deixam o palco da tragédia para exercer a função "doméstica mãe".

Esta herança facista, possui forte influência até mesmo hoje em dia. Os sindicatos de esquerda encontram grandes dificuldades para romper com essa praxi.

Antes do ponto final de minha abordagem, relatarei uma breve experiência frente ao Sindicato dos Psicólogos em relação ao mito vivo - o arquétipo do herói frente a demanda do "coro".

A demanda da categoria é a atuação paternalista do Sindicato. É extremamente comum ouvir a pergunta: O que o Sindicato faz por mim? Ignorando que o Sindicato é o lugar para ele fazer alguma coisa em prol de si mesmo e da sociedade.

Quando algum grupo se reúne e formulam uma reivindicação necessária, a omissão dos reivindicadores é patente, são os diretores que devem ir à batalha e lutar por eles. Há o medo do "pai tirano".

Creio que Freud está certo em seu Totem e Tabu.

"Os sentimentos fraternais sociais, que constituíram a base de toda transformação, continuam a exercer profunda influência no desenvolvimento da sociedade."

(Texto apresentado no Fórum "As Regressões Familiaristas nas Organizações Políticas", no Núcleo de Filosofia e Psicanálise)

Familiaristas nas organizações políticas

ão se converte com maior rapidez em um adulto social capaz de enfrentar resolutamente os problemas, sem delegar seu poder e seus direitos a seus semelhantes?

Eu perguntaria:

- Por que numa organização política, como o sindicato cutista, que tem como princípios a liberdade e autonomia, o socialismo e a democracia, prevalecem relações típicas da família patriarcal, onde a autoridade do pai impede a autonomia dos filhos?

As direções sindicais, na verdade, não tem conseguido deixar de serem pais.

Os trabalhadores não tem conseguido deixar de serem pais.

Os trabalhadores delegam as direções o poder de decidirem, de negociarem, de lutarem... No Sindieleito esta questão começa a preocupar os dirigentes, a questão da cidadania é levantada: "a cultura da delegação da cidadania" - texto elaborado por um diretor - "assumimos o papel de responsáveis pela solução dos problemas de toda a categoria e de cada trabalhador. Nós discutimos no lugar dos trabalhadores, decidimos e sofremos pelos trabalhadores"...

Outra questão difícil de ser enfrentada pelo movimento sindical cutista é a formação de "tendências" de pen-

samento - "tendências políticas" - com características de "grupos fechados", o que dificulta o diálogo e o confronto entre as diferentes opiniões e idéias. Neste caso, o diferente é tratado como antagônico, os companheiros deixam de ser companheiros e passam a agir como inimigos...

Perguntaria: aqui também se manifesta uma ausência de maturidade política, de regressão familiarista, onde prevalece a autoridade do pai - de quem tem o poder? A "tendência" que tem o poder impede, dificulta a manifestação das diferentes tendências...

E finalizando, por que estas relações típicas da estrutura familiar tradicional em organização que, supostamente, deveriam progredir, avançar no sentido de possibilitar a vivência de novas relações, superando o autoritarismo, o paternalismo, a inibição do diferente, do criativo?

Obrigada a vocês pela oportunidade do debate em torno de um novo tema. Obrigada pelo que aprendi estando aqui, hoje.

(Texto apresentado no Fórum "As Regressões Familiaristas nas Organizações Políticas", no Núcleo de Filosofia e Psicanálise)

FAMÍLIA

Um espaço para a invenção do novo

JANE MARIA CORREA
ROBERTA ROMAGNOLI

Família, termo polêmico que designa uma instituição, a qual, através de toda a história, vem sendo analisada por diversas abordagens, configurando várias teorias. O enfoque que outrora era dirigido apenas para o indivíduo se torna cada vez mais familiar.

A Psicanálise concebe o sujeito como efeito de uma estrutura familiar desejante, ocupante de um lugar no desejo de cada um dos pais, configurando um mundo fantasmático, sustentado por um significativo linguístico - cadeia de significantes produzida e mantida por um outro sujeito. Logo, é impossível conceber um psiquismo que surja do nada. Um sujeito só é formado a partir de outro. Mais tarde, através da castração simbólica a família introduz o sujeito no reino do simbólico, permitindo assim a entrada do mesmo na cultura.

A Teoria Sistêmica propaga que um fenômeno permanece inexplicável, enquanto não inclui o contexto que envolve interações e processos. Os indivíduos passam a ser vistos como membros de um sistema que está o tempo todo interagindo e comunicando. A psicopatologia é vista como "produzida" por determinado contexto de relações.

Felix Guattari, através da criação de uma nova concepção de mundo, aborda de uma forma inovadora a questão da subjetividade. Em conflito com as teorias imperialistas dos diversos campos do saber, a subjetividade é enfatizada pelo autor enquanto produzida por instâncias individuais coletivas e institucionais, ou seja, esta subjetividade não é fabricada, apenas através do reducionismo estruturalista do significativo linguístico ou dos sistemas interrelacionais. É produzida também e principalmente pelas chamadas máquinas sociais, pelo microfacismo, pela fragmentação dos

grandes blocos do saber e poder dominantes, cujos códigos são continuamente injetados, propiciando a internalização dos modos de dominação, exploração e mitificação (territorialização dos fluxos de produção desejante).

Dentro desta pluralidade de determinações, é impossível não se deparar com a questão da família. Esta pode atuar como sustentáculo dos grandes blocos de saber e poder do capitalismo, participante da heterogeneidade de componentes que produzem a subjetividade, tornando-se assim o lugar onde são injetadas representações em todos os seus membros, propiciando a reprodução da estrutura dominante.

A família pode, entretanto, atuar no âmbito da criação, lugar onde abre-se campos de possibilidades, onde as singularidades são enfatizadas e os fluxos ordenados pelo acaso vão fazer com que desencadeie-se o acontecimento. Espaço da micropolítica no desejo.

Sabe-se que a revolução não pode ser feita pelo macro, pela unidade molar. Sendo, então, a mudança possível, apenas a nível molecular, a família torna-se um privilegiado espaço político para colocar em funcionamento os motores subjetivos dos agenciamentos da enunciação. Espaço de criação, produção e invenção.

O terapeuta como agente social funciona propiciando o resgate do micro, possibilitando a irrupção do novo, trabalhando a família como potência criadora e transformadora instituinte de novas formas de ser, de pensar e de estar, constituindo a possibilidade do "acontecimento", de intensificação e aperfeiçoamento da vida.

JANE MARIA CORREA é Psicóloga e Professora do Curso de Pós-graduação em Sexualidade Humana da FUMEC.

ROBERTA ROMAGNOLI é Psicóloga e Professora substituta do Departamento de Psicologia da UFMG.



SEMANA DA PSICOLOGIA

Nos dias 26, 27 e 28 de agosto será realizada a Semana da Psicologia numa promoção do Conselho Regional de Psicologia (4ª região) e o Sindicato dos Psicólogos do Estado de Minas Gerais. Veja a programação.

26.08.93

QUINTA - 20 HS

Festa Cultural a partir das 20 horas com apresentação do coral APCEF, apresentação do Grupo ILTDA (SIA ILIMITADA DE TEATRO) com a performance "NUM'SENSE" e apresentação do grupo poético "Tripa de Mico Estrela".

LOCAL: Sindicato dos Bancários (rua Tamóios, 611)

27.08.93

SEXTA - 20:30 HS

LOCAL: auditório da FACE-FUMEC

MESA REDONDA: PSICOLOGIA ALTERNATIVAS

♦ "Alguns Aspectos da Psicologia Política e suas Repercussões no Campo da Ética".

ANTÔNIO PENNA

(Professor Emérito do Instituto de Psicologia da UFRJ)

♦ "Teorias e Práticas na Psicologia Clínica: Um Esforço de Reflexão".

LUIZ CLÁUDIO FIGUEIREDO

(Professor da Universidade de São Paulo e da PUC de São Paulo)

♦ "Tempo, História e os Impasses de Hoje"

PEDRO PARAFITA DE BESSA

(Professor Emérito da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG)

MEDIADOR

LÚCIO MARZAGÃO

(Psicólogo, Psicanalista, Professor Adjunto da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG)

28.08.93

SÁBADO - 9 ÀS 11 HS

LOCAL: Salas da FCH-FUMEC

MINI-MESAS REDONDAS

♦ "Psicólogo: Profissional da Saúde"

ANTONIETA GUIMARÃES BIZZOTO

(Psicóloga do Centro Mineiro de Toxicomania, Psicanalista - BH)

GISELE ONETE MARANI BAHIA

(Psicóloga, Coordenadora de Saúde Mental da Secretaria de Estado da Saúde - BH) (a confirmar)

FRANCISCO JOSÉ MACHADO VIANA

(Psicólogo, Diretor do Centro Psico-pedagógico - BH)

CURTAS

PSIND INFORMATIZANDO

O Psind também entrou no mundo da informática. Com a recente compra de um micro computador (modelo 386 SX) e uma impressora, dinamizará as demandas do nosso sindicato. Estamos estudando maneiras da categoria usufruir dessa aquisição, apresente sua opinião.

NOVOS CONVÊNIOS

DROGASOL LTDA. Medicamentos, perfumaria e correlatos.

Endereço: Rua São Paulo, 673 - Avenida

Amazonas, 461 e Rua Padre Pedro Pinto, 714 (Venda Nova).

Telefax: 201-7707 (PABX)

Desconto de 10% e Cheques pré-datados (30 dias).

ECOAR - Centro de Ecocardiografia e Doppler Ltda.

Ecocardiograma, Ergometria, Ultrasonografia, Patologia Clínica e Espirometria.

Endereços: Avenida do Contorno, 6760 e Avenida João César de Oliveira, 2660/105.

Telefones: 227.7833 e 351.2626

Desconto de 15% s/ tabela AMB.

♦ "A atuação do Psicólogo Escolar"

MARIA AUXILIADORA DE MATTOS PIMENTEL

(Psicóloga, Pedagoga, Professora da Faculdade de Educação da UFMG - BH)

MARIA CRISTINA FELLET GUIMARÃES

(Psicóloga, Pedagoga, Professora da Departamento de Psicologia da UFMG - BH)

DE 11 ÀS 13 HORAS

♦ "Clínica Psicológica"

JEFERSON MACHADO PINTO

(Psicólogo, Psicanalista, Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da UFMG - BH)

LÚCIO MARZAGÃO

(Psicólogo, Psicanalista, Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da UFMG - BH)

WILSON SOARES LEITE

(Psicólogo - BH)

♦ "Psicologia, Comunidade e Trabalho Social: Uma Tentativa de Definição"

EDUARDO VASCONCELOS MOURÃO

(Analista Institucional, Professor da UFRJ) (a confirmar)

WILLIAM CÉSAR CASTILHO

(Analista Institucional, Professor da PUC/MG - BH)

DE - 14 ÀS 16 HORAS

♦ "Formação Profissional em Discussão"

JESUS SANTIAGO

(Psicanalista, Membro da Iniciativa Escolar, Professor do Departamento de Psicologia da UFMG - BH)

JOÃO BATISTA DE MENDONÇA FILHO

(Psicólogo, Psicanalista, Professor da FCH-FUMEC - BH)

PAULO CÉSAR CARVALHO RIBEIRO

(Psicanalista, Professor do Departamento de Psicologia da UFMG - BH)

♦ "O Psicólogo nas Políticas Sociais de Atendimento a Criança e ao Adolescente"

LÍVIA FRAGA

MARIA RITA GUIMARÃES

DE 16 ÀS 18 HORAS

♦ "A Participação do Psicólogo nos Programas de Qualidade Total"

EDINA DE PAULA BOM SUCESSO

(Psicóloga)

MARIA ELIZABETH ANTUNES LIMA

(Psicóloga, Coordenadora do NESTH - Núcleo de Estudos sobre o Trabalho Humano - UFMG)

♦ "Institucionalização da Psicologia"

CIBELE MARIA RUAS DE MELLO

(Psicóloga, Analista Institucional - BH)

MARISA ESTELA SANABRIA TEJERA

(Psicóloga, Mestre em Filosofia - BH)

ÀS - 18 HORAS

ENCERRAMENTO

INFORMAÇÕES

Conselho Regional de Psicologia (4ª Região - MG/ES), no telefone 261.1146 de 12:30 às 18:30.

PSIND no telefone 295.4115.

psicoinforma
Informativo do Sindicato dos Psicólogos MG

JORNAL DO SINDICATO DOS PSICÓLOGOS DE MINAS GERAIS

DIRETORIA: ÍTALO JORGE FURLETTI (PRESIDENTE) - ANSELMO DUARTE (VICE-PRESIDENTE) - MARIÂNGELA LUNA CARNEIRO (TESOUREIRA) - MARIA AUXILIADORA BARROS MORAIS (SECRETARIA) - TÚLIO BATISTA FRANCO (DEP. DE SAÚDE)

COMPOSIÇÃO E ARTE: DESKTOP PUBLISHING

PSIND: AV. AUGUSTO DE LIMA, 1646 - SL 605 - TEL: 295.4115

IMPRESSO